N.º 47 — 1.º anno

O XUÃO

Director e proprietario
ESTEVÃO DE CARVALHO

Semanario de caricaturas.
Caricaturista: ***Silva e Souza.***

Secretario da redacção
JULIO DUMONT (Orlando)

Redacção e administração
R. da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º, E.

Composto, impresso e lythograpnado na «A EDITORA»
L. Conde Barão, 50 — LISBOA

Lisboa, 12 de Janeiro de 1909

ASSIGNATURAS (Pagamento adeantado)
Anno..... 1$000 réis
Seis mezes..... 500 »
Tres mezes..... 300 »
Numero avulso, 20 réis
ANNUNCIOS, preço convencional

BICHINHAS-GATAS ao tonti – nho

Vamos a vêr se isto agora se endireita!...

Summario

O Wenceslau e o Lyrio presidente,
Com espanto cá do nosso Zé Povinho,
Andam fazendo festas ao Tontinho,
Que em passar contrabando é experiente!...

Parece até que andou em certa escola
Onde essa camarilha tudo aprende
D'um *mestre!* que diz ter mas que não vende,
O que elle tem de ruim, de mariola!

Pois façam bicha gata á vontadinha,
Que aos taes *ministrosinhos* da rainha
Reservado já está um bom calor.

Se o chefe os não deitar, janella fóra,
Talvez que já não esteja longe a hora
De o Povo lhes pagar tanto favor!

DR. SULIPANTA.

CHRONICA

Outra querella

Os actos do novo governo só veem confirmar o que a opinião publica logo d'elle julgou. Sob a presidencia do sr. Campos Henriques, que podia elle gerar que não fossem attentados á liberdade?

A primeira victima d'esses attentados foi *O Xuão*. O primeiro algoz o sr. D. João de Alarcão, mais conhecido pelo nome de *Rei da Gafanha*, nome, realmente, pouco apropriado, porque o rei da Gafanha era um homem de espirito e o sr. D. João de Alarcão não tem nem cinco réis do que se chama espirito. Do sr. D. João de Alarcão tambem outra coisa não era de esperar. Mentalidade inferior, iniciou o seu consulado por onde todos costumam encaminhar-se: — iniciou-o por meio de uma querella. S. ex.ª não encontrou no cerebro, ao menos, alguma coisa de original. Fez o que os outros tinham feito e, assim como os outros, fez asneira.

Asneira?

Sim, asneira! Além de ter sido injusto, o sr. D. João de Alarcão foi inhabil.

Qual é o seu fim, querellando *O Xuão?*

Castigal-o por um pretendido crime.

Ora, a verdade é que, com tal processo, *O Xuão* não é castigado; antes pelo contrario, é premiado. *O Xuão* é perseguido e basta sel-o para que logo venham convergir n'elle todas as sympathias do publico.

E o que é a sympathia do publico?

E' um vintem por semana. Um vintem que, sahindo de milhares de bolsas, vem a sommar milhares de vintens, isto é, a vida desafogada para o jornal.

Que consegue o ministro da justiça com a querella?

Que *O Xuão* pague, pelo menos, 50$000 réis.

Em troca, quantos 50$000 réis recebe *O Xuão?*

Este jornal não precisava do reclamo do sr. D. João de Alarcão para ser popular. Viveu até hoje sem fundo de reserva, mercê do carinho do publico e sómente da sua quotisação semanal. Porém, o sr. D. João de Alarcão intendeu que a venda do semanario era diminuta. E que fez? Querellou-o, quer dizer, promoveu-lhe uma venda maior.

Onde se vendem mais os jornaes é em Lisboa. Um jornal comprado por Lisboa é um jornal seguro, um jornal rico. Emquanto receber o obulo da capital, póde ter a certeza de que não morre. O mesmo succedia ao *Xuão*. *O Xuão* era comprado por Lisboa e isso lhe bastava.

Por Lisboa toda?

Não. Ha sempre indifferentes, que não tiram o seu vintem da algibeira, só para se não incommodarem. Não que o vintem lhes faça falta. Esses indifferentes, o sr. D. João de Alarcão deu cabo d'elles.

O Xuão podia não ser querido. Podiam não gostar d'elle. Podiam ser todos tão seus amigos como é o *Portugal*. Mas bastava ser querellado para logo se tornar importante, comprado, lido, admirado, guardado com respeito religioso.

Torna-se uma victima.

E uma victima de quê, de quem?

Da monarchia, senhores! da monarchia, que Lisboa, se pudesse, já teria engulido. Do sr. D. João de Alarcão, personagem que concentra, n'este momento, a reacção portugueza.

Tanto basta para que Lisboa lance logo a mão protectora, n'um bello movimento de solidariedade, a um jornal que a monarchia, ou os seus homens, querem arruinar.

A obra do sr. de Alarcão, pois, sobre ser injusta e odiosa, é contraproducente. A tyrannia gera sempre d'estes fructos. Principalmente, quando é, como esta, uma tyrannia de nullidades.

E. DE C.

Lerias...

N'esta *pandega* e regalo
Em que a desgraça nos tem,
Após um breve intervallo,
Já a dictadura vem
Ferrar nos luzos um 'stallo.

Querellas e mais querellas,
Pavorosas e intentonas
As *canastras* sempre bellas
A mostrarem-se pimponas
A morder-nos nas canellas.

E o *Zé*, sempre prazenteiro,
Vendo esse lindo *serviço*
Diz a rir:
— Isso é janeiro!...
Meninas, deixem lá isso,
Cautela com o candeeiro!

OSCAR.

Estava certo

Na policia, com a promoção a coronel do capitão Dias que por signal já era tenente-coronel, ficam existindo tres coroneis.

Catita, não é?

Aquillo, para ficar completo, só lhe falta musica.

Instrumentos de metal e de madeira.

Pancadaria ha lá com fartura!

Tiro ao alvo

X

A certa... vestal

Tens fama d'innocente e pudibunda,
Embora mil namoros tenhas tido
E procures em vão qualquer marido
Que a arte de Menelau ache jocunda.

Cheia de pó de arroz, és rubicunda
A' força de carmim. Tens no sentido
Intrigas arranjares e alarido
Para o que grande manha em ti abunda.

Andas com a mamã, velha gaiteira,
Que ajuda a tua musa enredadeira
E te põe das *canastras* no caminho.

E se acaso não ficas para tia,
Desditoso marido se confia
No teu ar de innocente.
Coitadinho!...

JULOR.

Chamem-lhe nomes

Chamem *Poeta* ao Vilhena, chamem! O poeta, nem ha idéa alguma de haver excepção, é amoroso, muito meiguinho, muito nicódoce...

E o encravadissimo chefe tem figados de tigre, arrancos de chacal, uivos de hiena...

Vejam lá o que elle queria fazer ao W. C!?

Animatographo... vivo

E' um espectaculo edificante.

O jornal do sr. de Vilhena refere-se assim ao *lyrio pendente*, ainda ha pouco tão bom rapaz e tão intelligente:

«Quando apparecer em frente do seu expartido, de cócoras e olhar humido como é proprio da sua grey, verá então o que é a exautoração publica de um homem. Nem o rabo se lhe aproveitará, ainda que o metta bem entre as pernas.»

Irribus!

Se nem o rabo se lhe aproveita, o que fará a cabeça.

Nós não gostamos de metter ninguem á bulha mas não nos ficavamos com uma d'essas!

O espectaculo é catita,
E' mesmo dos bons recreios;
Tudo berra, tudo grita,
Chamando-se nomes feios.

Sem talvez haver razão
Entre si furias esgrimem.
Ai que famosa união
A da gente do regimen!

*

O sr. governador civil prohibiu que a junta de parochia de Alcantara organisasse um bando precatorio para os sobreviventes do horrivel cataclysmo de Italia.

Porque?

Por perigar a ordem publica ou haver abalo nas instituições com esse acto de humanidade?

Ora bolas!

O' tu, reacção, que alastras
D'umas fórmas assombrosas,
Só reservas p'rás *canastras*
A fama de caridosas.

Só ellas, que em tudo mordem
Quanto ao seu Deus não se dobre!
Tudo o mais altera a ordem
Por não ter marca de nobre.

*

Lemos algures que foram dadas terminantes ordens á policia para autoar os *chaüffeurs* que andem com os automoveis nas costumadas correrias.

Ha muito tempo que isso se deveria ter feito.

Chegou a ser um perigo atravessar as ruas da cidade, com os fedorentos carros, que parecem andar apostados com os electricos a ver qual atropella mais.

Não os poupem, srs. policias.

E' dar-lhes grande biscoito,
Não perdoar nem um só,
Visto que andam a dezoito
Pó pó pó pó pó pó pó!

*

O elevador de Santa Justa que punha um cidadão lá em cima por um vintem, passou a custar trinta réis.

Façam idéa do que será quando a inglezada gente dos electricos açambarcar os elevadores todos!

O que vale é que o Zé, se tiver juizo, passa a andar a pé, que é muito mais hygienico e sobretudo mais economico.

Já que a forte companhia
Os preços assim augmenta,
O Zé que mal se sustenta
Por não avesar vintem,
Manda os carros p'ró demonio
E com seus modos facetos,
Anda nos machinhos pretos
E faz n'isso muito bem.

ORLANDO.

RemendoS

Cahiu um ministerio, e francamente
supponho que a ninguem lhe deu cuidado:
dizem que o rei se viu atrapalhado
para outro formar com *nova* gente.

E depois de pensar muito prudente
no seu alto criterio bem formado,
arranjou ministerio remendado
com trapos e farrapos... mui decente!

P'ra fazer assim coisa remendada
melhor fôra mandal-o para a cova
e bem livre ficar d'essa cambada.

Ou então, de criterio dando prova,
ficava obra melhor, bem acabada,
fazendo um *novo* com *fazenda nova*.

NOMÓR.

Harmonia regenero-vira

Do *Popular*,— descrevendo o *lyrio pendente*, collega e *camaradinha* lá da tropa.

«Ahi o vemos passar com a cabecinha pendente, com os cabellos empastados, com os olhos amortecidos, onde por vezes brilha a malicia em lampejinho de vagalume, com o seu casacão fóra da moda, untuoso, pegajoso, dissimulado, phantastico.»

Ahi, rapazes!

Assim amiguinhos e unidos é que a gente gosta de os vêr.

Cá estamos de palanque.

Lyra dos maduros

MOTE

Dizem que elle é sacerdote
E eu julgo que elle é papa...

Viu-se-á-frocha.

GLOSA

Typo meio acabadote
E' atrevido, refilão...
Talvez por ser borrachão
Dizem que elle é sacerdote...
Ao vel-o feito alcaiote
A bufar muito á sucapa
Eu olho p'ra negra capa
Que mette sustos ingratos,
Lembra-me espinhos dos *mattos*,
E eu julgo que elle é papa.

Viu-se Grego.

Ora se era!

Para o *general paizano* Espregueira, dezembro tem só 30 dias.

As contribuições deviam ser pagas até ao **fim** do anno.

Pois para quem foi a **31** o prazo tinha acabado e já estava relaxado!

Não seria mais logico pôr no andar da rua o relaxadissimo governo?

GAZETILHA

Outra querella!
Justos Céus!!...
Tudo p'ra nos pôr á raza,
Mas louvado seja Deus
Inda ha massa cá em casa,
Judeus!!!

Julga o sr. conselheiro
Que por sermos o *Xuão*
E termos pouco dinheiro,
Somos o tal covardão
Que fugiu para o estrangeiro?
Pois não?!...

Estamos aqui uns catitas,
Promptos sempre p'ra reinar,
Umas carinhas bonitas;
Mas qu'rerem-nos assustar
Com as qu'rellas supraditas,
Com franqueza... é de pasmar!

ZÉ DA HERDADE.

Conheceu-os!

O *nuncio*, como sabe que os ministros em Portugal só teem um ponto de mira: *comer* e uma politica: a da barriga, deu-lhes palhada no dia de Reis.

E' em paga da subserviencia, do capachismo, da... visita official...

Epitaphio

Jaz aqui o conselheiro
José Maria Gusmão;
Foi grande rapioqueiro
E levado do diacho.
Morreu d'uma congestão
Por não caçar o *pennacho*.

ELMINO.

Em poucas palavras

Diz-se que se prepara uma *pavorosa* qualquer.

Olá!

Será filha da tão annunciada *intentona* ou rebento do engraçado *lirio pendente*?

Venham de lá esses *grões*!

—Um reverendo foi *á serra* por lhe terem perguntado no Rocio:

—Onde está o Rodrigues?

E fulo e raivoso, queixou-se á policia de que o tinham insultado.

Ora como ha quem affirme que apenas lhe chamaram padre Mattos, calculem que boa idéa faz o reveren-

Escola Pratica de... Adeantamentos

P'rós lados dos Navegantes
Existe agora uma escola.
São os alumnos tunantes,
O professor um . . . grânjola!

Entre os alumnos sabidos
Na historia da roubalheira,
E' sem haver desmentidos
O Espregueira!

E' pois p'lo mesre apontado
Ao resto dos tunantões
Por ser o mais applicado
Em cifras, somas, cifrões...

Outro alumno, o Zé Povinho
Nada sabe inda de novo;
Não lhe entra no touticinho
A tal cartilha do Povo!

E assim vae seguindo a escola
Ensinando bom marau
Té que o sôr Zé, perca a tola
E corra todos a pau.

do do collega, para chamar a esse nome um *insulto*.

Safa!

— Diz-se que vão ser novamente addiadas as côrtes.

E' melhor addial-as para as calendas gregas.

Mas o grupelho W. C. julga durar até ao fim de fevereiro?

— Cada semana que se passa mais vae mostrando o lindo estado em que estava o municipio cá da *terrinha*.

Santa gente a que administrava «aquillo».

— Continúa o *gabinete negro* a deitar os bracinhos de fóra.

Agora coube a vez ao semanario *O povo d'Oeiras*.

Somma e segue.

Ainda havemos de ter saudades do *Xuão!*

Olé!...

— Foram castigados uns policias porque não procederam *com energia* no pseudo desacato a um padre.

Leiam nas entrelinhas e verão que o castigo foi por não terem desembainhado o heroico *chanfalho* nem disparado a valente *pistarola!*

Incitamento á ferocidade do costume.

LÁ CONICO.

O ministerio

Ministerio do Lyrio Pendente,
Thalassinha damnado, um primor...
Ministerio que ao Zé vira o dente
Começando a morder com furor...

Ministerio tarçola, demente
Que ha de um dia cahir do andor...
Ministerio que o *nosso senhor*
Nol'o deu no Natal de presente...

Ministerio d'um bom salafrario,
Protector do Xuão *sumanario*
E dos bons que desprezam chacaes...

Ministerio d'uns typos sinistros...
.....
Não são sete safados ministros,
São os sete peccados mortaes!

Viu-se-Grego.

Não é nova

A liga monarchica, para captar adeptos, até dá medico aos socios e familia.

De alguns lá da tropa sabemos nós que dão tudo, tudo, e oito tostões.

Outra pergunta

(Embora não seja para que alguem responda)

Dizem que Deus fez o homem
Com a sua semelhança...
Suggeriu-me uma lembrança
Que me dá voltas ao caco.
Pois, se a fórma primitiva,
Do macaco é que deriva,
E' Deus, então um macaco?

Deve ser bom exemplar
P'ra que se possa adorar.

M. RAIÚIS.

Ao Zé do Porto

(Para os briosos tripeiros cantarem á viola)

O velho Porto altaneiro,
O bom burguez liberal,
Deu agora em fraldiqueiro
Do beatinho real?

Os da Legião Azul
São por vicio, por mania,
Ou por ser moda taful,
Cheirac... da monarchia.

E os ricos chatins da praça,
Ao lamber a mão real,
Pensam nas pautas. De graça.
Não móe a Commercial...

Certa estudantada vil
Má figura faz agora:
Que mocidade servil,
Tão *céga* e bajuladora!

Tanto pateta a gritar!
Com tal festa e reinação.
O reizóte ha de julgar.
Que já salvou a Nação.

Mentira! O Porto altaneiro,
O bom burguez liberal,
Mostrou não ser fraldiqueiro
Do morgadinho real.

Viva o Zé Povo tripeiro
Que não se deixou lograr!
Não se deve ser festeiro
Quando ha razões de chorar...

COVÔAS.

Agora foi uma *limpeza* n'um ourives, de sete contos.

E a policia procura os auctores do crime!

E nunca mais os encontra, é bom accrescentar!

Se fossem vivas á Republica...

As Cruzadas

O papa agora pensou
Em fazer novas cruzadas,
Porque o fiel acabou
Co'as suas favas contadas,
E, se alguem o adorou,
Isso foi de eras passadas!

Hoje o povo, o grande obreiro
Que cubiça um mundo novo,
Já não é aquelle povo,
De fanatismo guerreiro
Por qualquer frade ou manguço!
Hoje não serve o rebuço
Dos outros antepassados,
Quer a luz, quer muita luz,
Não a lenda de Jesus...
E, ver então arrazados
Os irmãos do mundo inteiro?...
.....
Mande antes fazer cruzados
Porque a falta é de dinheiro.

M. RAIÚIS.

O Xuão no Porto

Liró da Móda

«Para ser cantado com o fado Liró da revista A. B. C.»

Estrangeiro, quer dinheiro
Mas não ha no mealheiro,
Nenhum *bago* p'ra lhe dar. } *bis*

Mandam todos aos milhões
Fabricarem inscripções,
Para o Zé povo pagar! } *bis*

CORO

E se não fosse a Republica
Ir ávante como vae...
Portugal o que seria?...
Esta cousa tem seu chiste
Mas um dia acaba triste!
Bemdito seja esse dia...

Tanta gente se consome
E os outros morrem de fome, } *bis*
Sem o governo saber.

Mas se isto assim continúa
O Zé povo sae p'rá rua, } *bis*
E então teremos que vêr!

CORO

E se não fosse a Republica
etc, etc.

GIRON.

Passes... de peito

Estou nas minhas sete quintas!

Garraiadas em Algés!

O' Segurado, dá cá um *chôcho*, e um chi-coração!?

Com os tempos que vão correndo e com a balburdia que a sr.ª D. Politica tem feito, só o Segurado é que nos pode valer, com algumas tardes de gargalhada.

E' elle o homem que mais se approxima da situação actual.

Tal qual como o sr. Beirão andou a perguntar: quem quer ser ministro?!

O Segurado abriu a praça e disse: quem quizer ser toureiro é só dizer!

E não lhes conto nada. Foi uma verdadeira praga de cultores da arte de *Francisco Montes*.

Ora aqui teem os leitores a prova de que o portuguez já não se importa com a politica para nada!

Emquanto o sr. conselheiro se viu á broxa (sem offensa) para arranjar ministros e nada conseguiu, o Segurado arranjou uma nuvem de toureiros de *inverno*, (porque o Carnaval está á porta e por conseguinte é inverno) sem difficuldade alguma.

Prova-se pois que ha mais quem goste de *un traje de luces*, que d'uma farda bordada.

Do mais nobre ao mais burguez
Ninguem quer ser conselheiro,
Porque o sangue portuguez
Foi sempre sangue toureiro

O' rapazes, vocês estão á cóca?... Que bonito vae ser o trabalho da ve-

reação com o sympathico syndicato de Santo Amaro.

Estou a vêr que aquillo sae d'alli uma tosquia na electricidade que fica tudo fundido.

Olá se fica.

Olhem, senhores vereadores, querem chegar-lhes a valer?!

Dêem ampla liberdade de concorrencia a toda e qualquer empreza de viação e verão como elles achatam o beque.

Venha tudo que é preciso
P'ra transporte do povinho
E verão tomar juizo
O syndicato damninho.

Automoveis e carrões,
As carripanas do Chora.
E verão os figurões
Sem ninguem a toda a hora.

ZÉ DA HERDADE.

O "Xuão,, em Coimbra

No Julião

Traze essa lista, rapaz,
Para traçar o *menu;*
— O' collega e amigo Braz
O que é que desejas tu?
Vou ler a lista primeiro
A ver que appetece mais:
Costelletas de carneiro
E de varios animaes.
— Nada d'isso, Braz amigo,
O meu estomago requer,
Continúa no castigo
Té elle se resolver.
— Ha bifes de cebolada,
Com batatas, á ingleza,
Ha bacalhau, ha pescada,
E bem boa sobremeza.
— O' que appetite que faz
Ouvir as coisas ferver:
Não ha peor coisa, ó Braz.
Do que qu'rer e não poder.
Manda-se vir uma isca
E uma litrada de vinho,
Pois que nada mais petisca
Quem tem já tudo no *pinho.*

ARETINO.

Aquelle sarnoso da lapide está cada vez mais ranhoso.

Até causa nojo o baboso.

Sempre anda por este mundo de Christo muito lyroso!

Enigmas politiqueiros

Vae um artigo de escacha
Nas folhas do *Portugal,*
No dia em que se atarracha
A lapide triumphal.
Mais melodico que as harpas
Na folha da reacção,
Vou reeditar as *Farpas!*
Quem sou eu?

R. Ortigão.

Não vae d'esta

Por ordem do *menino* chefe-mór
E' hoje do conselho presidente,
Galopim incançavel, indecente,
(Dil-o um typinho que é da sua côr).

Abreviou d'um poeta *O estertor*
A tal resolução que é mui recente;
Peorou-o, p'ra ficar bem mais doênte,
De loucura emfim, pôl-o n'um horror

E trouxe tambem mais uma querella
P'ra vêr se vae emfim p'ra sempre á véla
O nosso semanario, o bom *Xuão.*

Mas elle 'inda não morre, não vae d'esta,
Porque o povinho auxilio bom lhe presta,
Não temendo os ardis da reacção!

RALMEIDA.

As *filhas* de Maria andam por ahi a distribuir prospectos pedindo a todas as madamas que fiquem com acções do *Portugal.*

Será catholico aconselhar ás senhoras as más acções?

Eu sou o VII D. João

João! Que nome tão suave e bom;
De velhos pergaminhos descendente:
Um nome a que se adapta bem o dom
Usado nas familias do bom tom;
Em summa, gracioso, e excellente.

João! Houve entre nós bastantes reis
Nas velhas dynastias portuguezas
Com este nome; a historia reza seis,
O ultimo, coitado, bem sabeis
Sahiu balofo, molle, sem riqueza.

Mas isso não impede que o destino,
Que sempre se revela caprichoso,
Nos dê um outro D. João mais fino,
Sem ser do regio duque brigantino
Mas homem de prestigio, talentoso.

Sou eu; cá estou com meu olhar pujante,
Cabeça que revela só talento,
Fugindo á linha tôsca de pedante;
Sem modos caricatos de farçante:
Um gajo todo triques, um portento!

E tanto a natureza me dotou
Com um semblante fino, varonil,
Que alguem com certa graça me adaptou
Cognome que o meu todo conquistou:
D. João VII, O Imbecil.

Assim sem throno, mas com pasta grossa,
E da grossura tiro boas postas,
Cá vou andando n'esta bella *choça;*
Ditos do povo não me fazem móssa...
Emquanto o pau não vem folgam as costas.

STYL.

Theatradas

O Chico foi sempre um grande pandego.

Ceiatas alegres, noites perdidas e amantes eram-lhe os pratos favoritos e no grupelho de estroinas que o acompanhava dizia-se até com um bocadinho de inveja que era o rei... dos pandegos.

De repente correu uma noticia lugubre entre a bohemia doirada.

Constava que o Chico ia... casar!...

Realmente o rei da pandega começava a bater em retirada aos prazeres mundanos e á bella sociedade.

Raras noites apparecia no ponto de reunião, porque um namorico arranjado em

D. Maria n'uma recita dos *Beijos por la grimas* que ámanhã 13 cedem o logar á *Rosinha do Castello,* nova peça de Maximiliano d'Azevedo, a isso o obrigava.

E' mau brincar com fogo e o Chico queimou-se no ardor de uns bellos olhos pretos e tentadores que o obrigaram a andar de Herodes para Pilatos de theatro em theatro.

Ora, n'um idylio platonico, tinha de ir de casaca a

S. Carlos á opera italiana que contém artistas lyricos de subido merito, ora ao

D. Amelia que, depois da *tournée* Mayol, o conhecido cançonetista, já na quinta feira proxima dá, em *première,* a bella peça de Augusto de Castro *O chá das cinco,* ora, finalmente, ao

Avenida, onde a opera comica *A Severa* continúa em pleno successo.

Apesar d'isso ensaia-se a opereta japoneza *Gueisha,* que tem linda musica.

E, n'esse corropio de andar na contemplação amorosa d'esses olhos pretos que via de longe a faiscarem-lhe mil promessas de amor e coisas ó Rosa, não faltava tambem á

Trindade quando se cantava a *Carmen,* de Bizet, em bello portuguez, melhoramento que se deve ao Taveira que, por signal, ensaia a *Somnambula* a toda a pressa, nem ao

Gymnasio que não deixa de levar o *Olho da Providencia,* comedia que faz rir o mais sorumbatico. Brevemente lá teremos, porém, a alternar, uma nova fabrica de gargalhadas que se chama *A prima Annica.*

A noticia do proximo casamento do Chico correu célere pelos centros do pagode e, n'um dos intervallos da magistral peça *O pae,* que delicia os frequentadores do

Principe Real com o bello desempenho de Brazão e Ferreira da Silva, foi a coisa criticada.

Quem seria a ditosa noiva do Chico?

Era uma *illustre* desconhecida para todos, mas o Gonçalves da tabacaria foi contando:

— No sabbado, estando eu á porta da

Rua dos Condes para ir vêr a popular revista *O cacharolete,* que parece que está novinha em folha apesar das suas cento e tantas representações, vi passar um diab'alma, mulheraça já trintona e bexigosa, bem vestida mas desageitada e marmanjona. O Chico ia atraz d'ella como um cãosinho felpudo e lá foram assim a caminho do

Colyseu dos Recreios. Será essa a futura noiva? Consta-me que ella gosta immenso da brilhante companhia equestre, acrobatica e comica e certamente lá está cahida na quarta feira a assistir ao grande certamen das duas companhias de Lisboa e Porto.

— Mas é muito feia? perguntámos.

— Horrorosa! O Chico tem o paladar estragado.

Terminado o espectaculo fomos á cata do noivo.

Encontrámol-o na Estrella d'Ouro da rua da Prata a saborear ameijoas de caldeirada.

Preparativos para o matrimonio.

Puxámos a conversa para a formosa divindade que o obsecava e veiu á baila a descripção correcta e augmentada das bexigas e das alturas da dama.

Franzia o nariz o Chico, sem se zangar, e só dizia:

— Se vocês a vissem hoje no

Chalet Esperança, onde estivemos a vêr o *Paiz da luz* e voltaremos quando subir á scena a nova revista *Trapos e trapaças,* não diziam isso. Que olhos! Que lindos olhos!

— Mas olha lá, tu casas por causa de uns olhos sem o concurso do resto? perguntámos.

— Ora... Quem tem uns olhos assim brejeirotes e meigos deve ser divinal em tudo. Só um olho d'ella vale o resto.

Concordámos, desde que o Chico poz o assumpto no singular.

Elle lá sabe e cada um come do que gosta.

REPORTER.

O odio do Encravado

Até os atirava pela janella fóra. Aquillo é que são figados! Irra!!!